

TRADUÇÃO

LÓGICA ESPECULATIVA COMO “A METAFÍSICA PROPRIAMENTE DITA”. PARA A TRANSFORMAÇÃO HEGELIANA DA COMPREENSÃO MODERNA DA METAFÍSICA

[SPECULATIVE LOGIC AS “THE METAPHYSICS ITSELF”. TOWARDS THE HEGELIAN TRANSFORMATION OF THE MODERN UNDERSTANDING OF METAPHYSICS]

BY HANS FRIEDRICH FULDA

Tradutor:

*Hernandez Vivan Eichenberger **
Instituto Federal Catarinense, Brasil

RESUMO: o texto pretende especificar em qual sentido Hegel emprega a noção de metafísica em conexão com a ideia de lógica. O sentido renovado de Hegel é contrastado com a noção kantiana de metafísica, de modo que é realizada uma comparação entre ambos os conceitos. O texto ainda visa corrigir algumas visões equivocadas sobre o conceito de metafísica de Hegel. Por fim, são analisadas algumas noções contemporâneas de metafísica consideradas em relação à noção hegeliana.

PALAVRAS-CHAVE: Metafísica; Hegel; Kant

ABSTRACT: the text intends to specify in what sense Hegel employs the notion of metaphysics in connection with the idea of logic. Hegel's renewed sense is contrasted with the Kantian notion of metaphysics, so that a comparison is made between both concepts. The text still aims to correct some mistaken views about Hegel's concept of metaphysics. Finally, some contemporary notions of metaphysics are analyzed and considered in relation to the hegelian notion.

KEYWORDS: Metaphysics; Hegel; Kant

APRESENTAÇÃO

O projeto crítico de Kant recebeu uma das suas mais notórias reações por Hegel: a limitação das fontes do conhecimento e a determinação de suas condições de legitimidade estabelecida pela filosofia transcendental não foi jamais respeitada pelas pretensões extremadas do saber absoluto. Os esforços envidados por Kant foram no sentido de limitar as pretensões descabidas daquilo que se pode conhecer; os de Hegel, em contraste, em expandi-las. Feita as contas, a filosofia de Hegel consiste em uma retomada da metafísica pré-crítica. Ou ainda: “Hegel escreveu como se ele tivesse oferecido refutações detalhadas de algumas teses centrais de Kant, mas, de fato, ele dificilmente parece ter se envolvido numa crítica interna dos argumentos de Kant” (GUYER, 2014, p. 244). A questão seria pensar a relação Hegel–Kant como

* Professor do Instituto Federal Catarinense, IFC. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Email: jarivaway@gmail.com

oposição e refutação, mas não como continuidade.

A imagem acima descrita ainda goza de certa popularidade. A favor dela, à primeira vista, poderia estar o fato de que o próprio Hegel classificaria seu empreendimento como metafísico: “a ciência lógica, que constitui a metafísica propriamente dita (*die eigentliche Metaphysik*) ou a filosofia especulativa pura, viu-se até agora ainda muito negligenciada” (HEGEL, 1986, p. 15). Contudo, resta saber precisamente aquilo que é *próprio* à metafísica e que, assim, está em afinidade com a ciência lógica. Como é de se desconfiar, não se trata de retorno à metafísica sem mais. É precisamente à clarificação desse trecho que *Lógica especulativa como “a metafísica propriamente dita”*. Para a transformação hegeliana da compreensão moderna da metafísica se volta. Nesse artigo Hans Friedrich Fulda busca corrigir a imagem inicial dessa introdução: Hegel metafísico tresloucado em relação ao moderado Kant. Para Fulda, trata-se, antes, de mostrar como a noção de metafísica hegeliana pode e deve ser vista em continuidade com o projeto crítico, o qual preserva em largos traços e de modo até mais restrito. Em outros termos, a lógica de Hegel “continua a investigação crítico-metafísica da razão de Kant” (FULDA, 2003, p. 100). Conforme o próprio artigo desenvolverá, não é o caso de que Hegel tenha impugnado a “mediatização teórica da consciência” em favor de um acesso direto às coisas. A proposta mesma de um pensamento verdadeiramente livre não pode consentir em um “ser preexistente”, exterior e estranho ao pensamento; nesse sentido, há como que uma radicalização do projeto crítico. Por sua vez, o esforço hegeliano terá consequências na partição entre filosofia teórica e prática, remodelando-a em torno de uma filosofia lógica comum (que não prescinde de conceitos normativos) e de uma filosofia da natureza e do espírito. Nesse sentido, “A lógica substitui, para Hegel, a metafísica, na medida em que ela constitui a ciência fundamental para todos os domínios da filosofia da natureza e do espírito (humano)” (PÄTZOLD, 2015, p. 76).

Porém, a correção de Fulda não se limita apenas à imagem que se sedimentou em torno de Hegel, mas também em dimensionar adequadamente aquilo que resta de metafísico no projeto kantiano. Por fim, Fulda analisa quatro tentativas de restauração contemporâneas da metafísica sugerindo que estão aquém da própria compreensão hegeliana, se ela é bem entendida.

O artigo de Hans Friedrich Fulda foi originalmente publicado em PÄTZOLD, Detlev (Org.), *Hegels Transformation der Metaphysik*. Köln, 1991. Agradeço à Brigitte Falkenburg pela mediação em torno da obtenção dos direitos de publicação.

Referências:

- FULDA, H. F. *Hegel*. München: C.H. Beck, 2003.
- GUYER, P. “Pensamento e Ser: a crítica de Hegel à filosofia teórica de Kant”, in: BEISER, F. *Hegel*. Tradução de Guilherme Rodrigues Neto, São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
- HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- PÄTZOLD, D. “La raison et l'absolu”, in: KERVÉGAN, J-F & SANDKÜHLER, H. J. (org.). *Manuel de l'idealisme allemand*. Paris: CERF, 2015.

1x Professor de filosofia da Universidade de Heidelberg

A questão o que é e o que a metafísica deveria ser, caso seja corretamente entendida, encontrou nos últimos dois séculos respostas variadas. Gradualmente em nosso século surgiu a tendência a não mais levar em conta exatamente a questão e sua resposta. Isso não seria ruim se apenas interessasse filosofar de modo divertido mundo adentro e deixar de lado o que anteriormente foi pensado com todas suas distinções. Mas hoje a filosofia está mais convencida do que nunca que ela deve à rememoração (*Erinnerung*) sua força – à Mnemosine, que Hesíodo considerava a mãe das musas. Se a lembrança se torna vaga, as doutrinas que se gostaria de extrair dela serão errôneas e as inspirações das musas [serão] até mesmo monstros. Assim também, penso, é o caso da metafísica, caso nós nos ocupemos com a questão do que é a metafísica e [do que ela] devia ser para Hegel. Portanto, eu me volto aqui para essa questão.

Há nessa questão uma concepção que finalmente se consolidou no neokantismo e que até hoje ainda se difunde. Segundo essa concepção, o papel de Hegel se apresenta na história da metafísica aproximadamente assim: Kant destruiu por inteiro o edifício erigido pela metafísica pré-crítica – feito de ontologia, psicologia racional, cosmologia e teologia. Hegel, pelo contrário, tentou, ainda que inutilmente, restaurar o edifício. Tudo que eu gostaria de expor na sequência é dirigido contra essa concepção. Eu teria de, por conseguinte, descrever de modo mais exato o quadro que foi feito com essa concepção de Kant e da avaliação da metafísica por Hegel. A fim de aproveitar melhor o espaço, eu não irei me demorar e em vez disso logo perguntarei: o que é falso nesse quadro? (I) A questão central naturalmente é: como, em contrapartida, tem de ser a resposta correta? No contexto da resposta a essa questão, (II) ter-se-ia que no fim descobrir o que significa a afirmação de que a “lógica” especulativa de Hegel seria a metafísica propriamente dita. (III) A relevância que essa resposta possui sobre a compreensão metafísica de Hegel para o nosso atual estudo com metafísica e para nossa discussão com o todo da filosofia hegeliana, deve, por fim, ainda ser objeto de algumas notas (IV).

I

A concepção de metafísica que Kant teria destruído em sua época, Hegel, ao contrário, queria reconstruir – isso não é apenas falso, como desfigura até o ponto de tornar irreconhecível a compreensão hegeliana de metafísica bem como a concepção hegeliana diante da mudança a qual foi dada à metafísica em uma filosofia pós-kantiana. Ela é também:

(A) falsa, na medida em que nos apresenta *Kant* como o “destruidor de tudo” em questões metafísicas. Isso já foi examinado pela última geração dos filósofos que se desenvolveram no neokantismo alemão do nosso século e reconsiderado com a redescoberta de Kant como “metafísico” (por exemplo, Nicolai Hartmann, Heimsoeth,

Heidegger, Cramer). Eu vou entrar nisso apenas brevemente. A falsificação da verdade histórica referente àquilo que era e o que queria ser a obra crítica de Kant não consiste apenas nisso que foi aqui ocultado, de que a *limitação* kantiana das pretensões do conhecimento da razão correspondia a uma *expansão* em questões metafísicas: a expansão da metafísica sobre o âmbito *prático* do uso da razão e dentro dele tanto da sua pretensão de conhecimento racional e apriorístico quanto também sobre um assentimento legítimo, porque racional. A falsificação consiste, antes, que Kant de modo algum associa com sua limitação da pretensão de conhecimento da metafísica pré-crítica a recusa à *toda* metafísica do uso racional *teórico*. Para Kant a filosofia transcendental, na qual ele transformou a ontologia pré-crítica, nem é mais metafísica, mas sim meramente uma “lógica” do conhecimento da ciência particular, ou seja, o emprego dessa “lógica” sobre fundamentos conceituais das ciências particulares; tampouco Kant rejeita o conceito pré-crítico de uma metafísica especial, de objetos racionais de experiência transcendente. Essa é a constatação daquilo que é falso no que diz respeito a Kant. A fim de se constatar como se relaciona a compreensão metafísica de Hegel com a kantiana se tem de, naturalmente, descobrir também através de qual resposta correta substituir a falsa no que diz respeito a Kant. Inicialmente, contudo, está a questão:

(B) O que é falso na aludida resposta sobre a compreensão metafísica *de Hegel*?

Eu penso que se deve, sobretudo, negar quatro afirmações e, mais tarde, substituí-las por novas. As afirmações a se negar são:

1. Hegel tentou dar razão às pretensões de conhecimento da metafísica pré-crítica contra Kant.

2. Sua lógica especulativa seria uma ontologia nova e por isso também uma recusa de mudanças decisivas que Kant efetuou na determinação das tarefas da ontologia.

3. A lógica especulativa de Hegel seria o fundamento geral para uma *metaphysica specialis* que deve se compor a partir de uma maioria de metafísicas especiais, nas quais novamente é buscado um conhecimento teórico de objetos suprassensíveis ou de coisas metafísicas ou *entia*.

4. A “lógica” de Hegel quer nos convencer que nós vivemos em um *Cosmos* comandado pela razão no qual tudo de eterno tem seu lugar e tudo foi criado por um Deus extramundano.

Essas são as afirmações a se negar. Antes que eu chegue até às afirmações concernentes a Hegel, nas quais o falso a ser negado será substituído por uma resposta positiva, voltemos a Kant.

II

Kant não apenas manteve as disciplinas da antiga *metaphysica specialis*, mas sim procedeu em seu conceito mudanças meramente marginais e específicas, ainda que ele tenha negado suas pretensões de conhecimento. Ele ampliou sobretudo a *abrangência* da metafísica de um modo incomparável: sobre a intelecção (*Einsicht*) ética e sobre objetos de convicções teóricas que nós associamos à intelecção ética. Com isso se pôs pela primeira vez na história da filosofia ao lado da metafísica do uso exclusivamente teórico da razão uma metafísica dos costumes e sobre essa cosmologia moral

metafisicamente baseada uma teologia moral e uma cosmoteologia moral. Só assim a metafísica poderia de um modo convincente conceder uma função imprescindível para a efetivação dos mais altos fins da humanidade: a função de um “acabamento de toda cultura da razão humana”. Exceto no que diz respeito à pretensão de conhecimento do objeto teórico, as expectativas que Kant depositou na metafísica eram certamente não mais modestas do que aquelas de seus predecessores pré-críticos. Kant acreditava até que a metafísica seria posta, através de sua crítica da razão, em uma “situação definitiva”, na qual ela seria “sequer capaz de ou necessitada de um aumento tampouco de diminuição”. Inverte-se ao contrário a posição histórico-metafísica de Kant quando ela é estilizada como a de um grande questionador, cujo o trabalho deixa a metafísica em uma etapa atrofiada ou em um lugar à margem. Kant, pelo contrário, deu o impulso, totalmente novo, até então inconcebível, de dar esperanças pretéritas à metafísica; e ele foi o primeiro que fez coincidir a abrangência da metafísica quase com a da filosofia.

Em que consiste as concordâncias e diferenças entre as disciplinas pré-kantianas da metafísica e suas variantes kantianas? Comparemos inicialmente as disciplinas da *metaphysica specialis*: elas servem para a investigação de objetos suprassensíveis. Contudo, em Kant elas renunciam ao conhecimento teórico e organizam-se como complexos sistemáticos através de uma nova concepção de conhecimento racional a partir de conceitos, ideias racionais, nas quais a razão ao mesmo tempo que pensa essas ideias e seus objetos conhece a si mesma. Além disso, as disciplinas da metafísica especial não se satisfazem como mero interesse de curiosidade. Expressamente elas conservam agora o caráter de uma salvaguarda contra a sempre ameaçadora deterioração de nossos mais altos carecimentos intelectuais e também emocionais; e elas preparam a justificação metafísica de cada assentimento racional que se aventurar para certas declarações sobre tais objetos suprassensíveis que nos são permitidos em intenção prática – isso é indispensável. Embora as disciplinas da metafísica “propriamente dita” sejam aos olhos de Kant “transcendentes”, visto que lidam com o suprassensível – por outro lado, a construção de Kant se sustentou muito fortemente na *metaphysica specialis* [que lhe foi] legada. Além dessa *metaphysica specialis* “transcendente” há para ele, contudo, a possibilidade de se limitar ao modo como nos aparecemos a nós mesmos e como as coisas no mundo nos aparecem, e dentro dessa limitação há para Kant uma metafísica “imanente” dos princípios básicos de nosso conhecimento da natureza e de si mesmo. Ela apresenta a concepção totalmente nova de Kant de *metaphysica specialis*.

Em contrapartida, no lugar da antiga *metaphysica generalis* que como ontologia devia ser um conhecimento do ente, no que diz respeito aquilo o que cabe a todo ente enquanto tal em si mesmo, Kant defende a *filosofia transcendental* como uma nova ciência. Ela deve conhecer apenas de todos os objetos que podem ser dados aos nossos sentidos o que cabe a eles enquanto tais em si mesmos; aliás, no entanto, isto é, sem essas limitações sobre condições do conhecimento possível de objetos, ela deve ser uma doutrina do objeto do pensamento judicante em geral – uma doutrina que nos diz em quais modos do pensamento judicante de objetos, que são algo ou nada, classifica-se em um tal “objeto em geral”, em quais “conceitos do entendimento” fundamentais ou derivados deles o objeto pode ser pensado de modo racional e quais conceitos de “razão” do incondicionado tem que ser formado em virtude disso. Essa filosofia transcendental não é mais, por isso, uma ciência do ente enquanto tal, mas sim apenas um exame sistemático do entendimento e da razão, logo que – em primeiro lugar – seu sujeito considerando a questão de se e em quais circunstâncias, sob quais condições, de

nosso entendimento e de nossa razão é permitido conhecer algo independente da experiência teórica: tal conhecimento, se ele existe, abrange quais objetos; qual conteúdo conceitual ele tem e quais fronteiras – incluindo aquilo que é pensado como existindo para além de tais fronteiras. Metafísica é, contudo, ainda essa filosofia transcendental e de fato no duplo sentido de um discurso de metafísica como conhecimento racional puro a partir de conceitos como [também] no sentido de uma ciência que ensina a progredir do conhecimento do sensível para o suprassensível. Até aqui Kant; agora Hegel:

(B) Pode-se admitir que Hegel teria imputado demais à metafísica. Mas que Kant, em relação às reivindicações que a metafísica fosse capaz de realizar, tenha sido particularmente modesto não [é algo que] se pode realmente afirmar de fato. Que Hegel, apesar disso, o ultrapassou na falta de modéstia, se tornou agora inteiramente duvidoso. Pois se Hegel não defende nem as reivindicações de conhecimento da metafísica pré-crítica nem uma *metaphysica specialis*, como Kant queria manter, nem sequer expandia a metafísica sobre objetos do conhecimento prático e a da fé racional, em que haveria de consistir a grande falta de modéstia? Eu acredito no fato de que ela é uma mera aparência produzida por aqueles que não sabem distinguir o conceito hegeliano de metafísica das peculiaridades do conceito kantiano. Como ocorre em tais casos, eles eram também aqueles que foram os primeiros a serem vítimas dessa aparência. O que de fato Hegel entende sob a metafísica e que vale ser realizado? Eu gostaria de fazer sobre isso quatro comentários que apresentam o equivalente positivo às quatro afirmações negadas.

1. Hegel concorda com o juízo de Kant sobre as pretensões de conhecimento da metafísica pré-crítica: elas eram pretensões de um dogmatismo incapaz de se justificar. Apenas em um ponto Hegel gostaria de fazer justiça à metafísica pré-crítica. Mas esse ponto não diz respeito às pretensões de conhecimento; ele também não é enfatizado especialmente contra Kant, mas sim contra uma tendência geral do tempo. Os kantianos ofereceram muito pouca resistência contra, mas se trata da tendência saída do sensualismo, do *Sturm und Drang* e sobretudo da filosofia da fé irracionalista do século XVIII. A tendência que aqui se trata visa que o verdadeiro não seria apreensível no pensar; deve-se antes sentir (*fühlen oder empfinden*). Em contrapartida, Hegel lembra de modo incisivo a concepção a qual a “antiga” metafísica tinha do pensar: que aquilo o que é conhecido através do pensar nas coisas e das coisas seria *unicamente* a verdade verdadeira delas. Nisso é atribuído à filosofia o conhecimento da verdade “verdadeira” (nas coisas). O que nós somos capazes de sentir na religião, na intuição da arte ou na vida ética satisfeita e o que nós conhecemos nas ciências particulares pode ser verdade também. Mas o verdadeiro em sua figura verdadeira, no qual ele se dá a conhecer inicialmente na razão pensante, não está nisso. Observe-se, porém: com esse interceder por uma convicção da metafísica antiga e pré-crítica não está dito que o conhecer, que corresponde a essa convicção, tinha que ser metafísica. Não se trata também de tomar partido pela pretensão de conhecimento *teórico* de *objetos* suprassensíveis; mas sim [em tomar partido] apenas da exigência kantiana que o autoconhecimento filosófico da razão e com ele do completar de “toda cultura da razão humana” – em um pensar sobre o que é o racional nos objetos. Para Kant um tal pensar era também um conhecer *metafísico*, ainda que não um conhecer daqueles objetos. Em todo caso, esse pensar mesmo era sempre *metafísica*. Para Hegel, contudo, isso não é feito em favor da antiga metafísica. Para Hegel na verdade esse não é nem sequer o caso

(ver I B, 3).

2. A *Ciência da Lógica* de Hegel não se entende como investigação daquilo o que cabe “ao” ente, isto é, a todo ente enquanto tal em si mesmo, por conseguinte [ela se entende] tão pouco como ontologia quanto a filosofia transcendental de Kant. Ela também não se entende como ontologia no sentido de uma doutrina do “modo de ser do ente”, mas sim antes como uma disciplina que substituiu essa doutrina através da verdade verdadeira – uma doutrina na qual o ente e a questão conforme o que a ele cabe é deixada em suspenso, isto é, deixada para trás. Hegel não diz expressamente que ele aprova a mediatização teórica da “consciência” da ontologia efetuada por Kant. Porém, sua própria teoria da consciência e do espírito subjetivo permite essa afirmação. Um indício disso é a referência não completamente crítica a Kant no §415 da *Enciclopédia* que afirma que a filosofia kantiana poderia ser compreendida da forma mais determinada [a partir do fato de] que ela considera o espírito como consciência e conteria apenas determinações da *Fenomenologia do Espírito*. Esse comentário não rejeita o conteúdo da filosofia transcendental kantiana e a transformação da ontologia por ela efetuada como inadequada. O comentário apenas desqualifica aos olhos de Hegel a tentativa de fundamentação que Kant com sua filosofia transcendental reivindica à toda metafísica futura que deva poder se apresentar como ciência. Hegel nunca criticou a pretensão de Kant de que a antiga ontologia se dissolve em uma filosofia transcendental e por conseguinte na concepção de Hegel na *Fenomenologia do Espírito*. Ele apenas poderia fazer essa crítica ao preço da inconsistência, pois uma tal crítica não se dá bem com sua concordância com a crítica kantiana à “mais antiga” metafísica que em sua parte fundamental era ontologia. Se ela se comporta assim, então a “lógica” de Hegel não pode querer ser uma ontologia moderna que substituiu a transformação kantiana da ontologia em uma filosofia transcendental. Do contrário, Hegel haveria tido de criticar a “filosofia transcendental” de Kant como ontologia moderna ela mesma (ao menos os objetos que podem ser dados aos sentidos). Mas isso nunca foi mencionado por ele.

3. O terceiro comentário – o equivalente positivo para a afirmação falsa de que a lógica especulativa de Hegel seria o fundamento geral para uma *metaphysica specialis*. Essa afirmação não pode ser verdadeira, porque Hegel adotou o nome “metafísica” apenas como nome para sua lógica especulativa, mas não como nomes para sua filosofia da natureza e do espírito. Com respeito a essas disciplinas ele nomeia apenas a parte de seu conteúdo conceitual de “o metafísico” (nelas). Em um olhar mais próximo mostra-se que o metafísico nesse emprego da expressão “metafísico” é idêntico com o “lógico”, encontra-se no conteúdo conceitual da filosofia da natureza e do espírito, isto é, com as puras determinações de pensamento das quais, enquanto tais, a *Ciência da Lógica* trata e os conceitos de natureza, ou então, de espírito, conforme a concepção de Hegel, são eficazes enquanto “modelador interno”.

A renúncia de Hegel, discreta em um primeiro olhar, do uso da expressão “metafísica” na filosofia natureza e do espírito podia ser considerada meramente como um assunto de vocabulário, ela não seria característica para Hegel da compreensão metafísica e algo significativo para a relevância dessa compreensão metafísica. Descobrir qual importância tem essa renúncia é agora nossa tarefa. Apenas se pode abordar ela quando se pondera as diferenças essenciais entre a *metaphysica specialis* pré-crítica, assim como a modificação crítica de um lado e a filosofia da natureza hegeliana, bem como a do espírito.

Naturalmente deixa-se dizer *cum grano salis* que a filosofia da natureza de Hegel e a filosofia do espírito partiriam da sucessão da cosmologia metafísica e pneumatologia (como de uma metafísica tanto do espírito finito, humano, quanto do infinito, divino). Seus temas são, em todo caso, análogos. A antiga cosmologia pensa o mundo como um todo apropriadamente organizado. Não é assim que a filosofia natural hegeliana pensa; mas ela busca ao menos conceituar a natureza toda como um sistema de etapas de organização de materiais. A pneumatologia metafísica trata do espírito finito e do espírito infinito como substâncias distintas. Não é assim que pensa a filosofia do espírito hegeliana. Mas ela tematiza tanto a pneumatologia metafísica quanto o espírito finito e também o infinito. Permite-se sob a impressão dessa transformação tão fácil de entender quanto enganadora não avaliar as graves diferenças; elas dizem respeito às disciplinas hegelianas em sua própria temática (1); mas também sua relação com a filosofia fundamental hegeliana, isto é, a lógica especulativa (2); e, *last not least*, a compreensão metafísica hegeliana (3).

(1) A cosmologia racional pré-crítica e a disciplina sucessora de Kant dela (a “fisiologia da razão pura”) tinha dado atenção tanto à natureza *corporal* quanto também à natureza *pensante*. Ela tinha que abranger, com efeito, tanto a psicologia racional do ser pensante finito como também a física racional, embora a psicologia racional deva ser uma metafísica especial diferente da cosmologia. A filosofia da natureza hegeliana não é assim. Seu tema é unicamente a natureza igualmente espacial e temporal; e essa natureza é apenas tema enquanto um *sistema* (portanto um todo pensado conceitualmente racional) de etapas sob as quais a matéria se encontra organizada; mas não como mundo no sentido de uma totalidade de condições de um condicionado dado na síntese do exterior e por isso também não [no sentido] que nós nos enredamos na antinomia na qual a razão cai consigo mesma no uso de suas ideias da totalidade do mundo. – A *pneumatologia* pré-crítica era a doutrina de substâncias simples e, por isso, não espaciais, de sua conexão bem como de suas “capacidades” e atividades. Sua sucessora kantiana, na verdade, continha a esse respeito a substancialidade de tais sujeitos simples e com respeito a uma conexão substancial entre eles apenas juízos problemáticos, mas considerava, ainda sim, o quadro de tais juízos como racionais. A filosofia do espírito de Hegel, pelo contrário, não é mais em geral uma teoria de tais substâncias simples (e de sua conexão). Porém, ela não é também *apenas* esclarecimento sobre as atividades espirituais (como, por exemplo, o pensar) e “faculdades” (como, por exemplo, a inteligência) ou modos de consciência (como, por exemplo, a percepção); ela abrange – enquanto “antropologia” – também o âmbito alargado dos fenômenos somáticos, aos quais Aristóteles no escrito sobre a alma dedicara boa parte de sua atenção; por outro lado, ela não se limita ao que é o caso, mas sim abrange também o vasto âmbito dos *direitos* que se podem conceder ou negar; ela pode se estender, portanto, tanto ao âmbito da filosofia *teórica* quanto da *prática* e relativiza com isso a divisão mais elevada da filosofia de Kant, assim como da metafísica. Porém, sobretudo ela tematiza o espírito infinito não como algo que existe para si – exterior a sua efetividade mundana que tem na religiosidade dos homens (*Menschen*) e que nela, no entanto, é *representado* como algo para si existente; ela tematiza o espírito infinito, antes, como um modo do espírito atuar e provar seu valor nos homens e através dos homens: em sua arte, sua religião e sua filosofia. Apenas dessa maneira Hegel é capaz de satisfazer o duplo objeto de uma pneumatologia em uma filosofia *do* espírito *unificada* e tornar essa filosofia coerente com aquela da natureza. A coerência que essas duas filosofias obtêm em Hegel elas

encontram, contudo, não na representação de uma natureza e do espírito relativamente à criação divina; e também não no compósito de natureza e espírito de que o mundo deve ser, os quais cuja unidade apenas pode ser de um modo obscuro e impenetrável e, no melhor dos casos, sob finalidades divinamente obscuras ou mesmo divinas e humanas. Ambas, filosofia da natureza e do espírito, procuram desenvolver sua coerência unicamente em uma lógica especulativa, o conceito “mais elevado” que não é um conceito de mundo e, por isso, *a fortiori*, um conceito de cosmos. Por isso já foi mencionado a relação dessas filosofias do real com a filosofia fundamental hegeliana – portanto, a segunda consideração, na qual se tem que distinguir a filosofia hegeliana da natureza e do espírito da mais antiga cosmologia e pneumatologia.

(2) A essa relação não é essencial que os conceitos da disciplina fundamental têm de ser empregados de alguma maneira em disciplinas dependentes que tem de alguma maneira um material *dado* (por exemplo, a matéria da sensação). Essencial é, antes, que o uno e único objeto da filosofia – a ideia – em virtude desse próprio objeto modifica no fim da “lógica” o movimento do conceito apresentado em seu conteúdo conceitual; e que essa modificação é resultado, como mostrado, do processo de manifestação ao qual a ideia está sujeita. A relação de aplicação dos conceitos da “lógica” sobre o “material” do conhecimento da natureza e do espírito, em contrapartida, apenas é a *manifestação* de uma relação *essencial* – precisamente essa relação de manifestação, de fato, na qual a ideia que se manifesta está para si mesma.

A tríade – como era para a *metaphysica specialis* e ainda para Kant – “Mundo/Eu/Deus” não está mais conduzindo a divisão, mas sim o conceito de processo de manifestação da ideia mesma. Nesse processo não há mais uma dualidade do espírito infinito e do mundo; mas sim apenas uma dualidade de natureza e espírito; e essa dualidade não pode ser mal entendida como aquela dos objetos de duas “ontologias regionais”, as quais tematizam diferentes *entia* que da parte deles povoam o universo e, ao mesmo tempo, não se sabe como, devem constituir o todo abrangente que é. Trata-se aqui apenas de uma dualidade de dois modos de pensar o racional em objetos do pensamento judicativo. A divisão dessa dualidade diferencia-se estritamente na distinção de objetos da cosmologia e da pneumatologia.

Além disso, vale: o que a filosofia tem a dizer sobre a divisão dessa dualidade e suas “etapas” ou “momentos” não é apenas dependente das determinações de pensamento puras sobre cuja conexão e processo a “lógica” explica; é também relativo ao estado respectivo das ciências particulares, às convicções que os homens têm em sua vida ética e em sua arte, sua religião e filosofia; e é isto já *antes* de toda elaboração especulativa e conceitual da *forma* de tais conteúdos de convicção científicos e extracientíficos. Por isso, não se deixa colocar também – como Kant ainda pensava da metafísica – em uma situação definitiva e nesse sentido perfazer um todo perfeito. Quem pensa que teria de ter sido essa a pretensão de Hegel ao trazer o conteúdo do pensar especulativo, porque isso seria a pretensão de uma metafísica e da *philosophia perennis*, teria primeiro que provar que Hegel compreendeu sua filosofia da natureza e espírito como uma tal metafísica. Uma tal prova não pode ser fornecida com sucesso.

3) Porém, vale acima de tudo – e isso é o aspecto mais decisivo de uma diferença entre a filosofia da natureza e do espírito de Hegel de um lado e a cosmologia metafísica e pneumatologia de outro, a qual consiste: tudo do que trata a filosofia da natureza e do espírito de Hegel não é mais objeto de uma metafísica. Na filosofia da natureza e do

espírito de Hegel, na verdade, “o metafísico” cumpre um papel: como a extensão das determinações de pensamento universais sobre cuja conexão racional a “lógica” dá resposta (9.20). Mas com esse papel não se expande, como em Kant, a metafísica sobre a extensão toda de uma ocupação “doutrinal” da filosofia. Se a filosofia da natureza e do espírito eram disciplinas da metafísica – quão diferentes devem ser entendidas do que metafísicas especiais? Todos os predicados – ou cada um entre todos os predicados *disjuntivos* – do conjunto daqueles predicados que a “lógica” teria de afirmar sobre quaisquer objetos “em geral”, teriam que ser aplicados aqui “em particular” [nas filosofias] da natureza e do espírito, enquanto contidos nesses conceitos específicos desses objetos. Porém, disso não se pode falar na filosofia da natureza e do espírito. Como a ideia em seus modos de manifestação vem enquanto natureza e como espírito, ela se especifica não em espécies diferentes de um gênero. Nosso conceito no qual a ideia é pensada não tem a estrutura de um conceito de gênero; e o conteúdo que é nele pensado não tem o caráter de um “objeto em geral” ainda indeterminado da “lógica” ao qual necessita acima de tudo da especificação a fim de que se possa fazer referência inequívoca a ele. Tampouco ele tem o caráter de um objeto determinado da representação no qual está o Deus (extramundano) do monoteísmo e que teria de ser conceituado como criador em relação ao mundo, mesmo que fosse possível. Na progressão hegeliana da “lógica” para a “filosofia da natureza” não se trata nem da passagem de uma metafísica geral para uma especial nem da passagem de uma doutrina de Deus teológica racional para a cosmoteologia.

Como Hegel trata apenas da lógica especulativa enquanto metafísica, mas não da filosofia natural, ele também evita o contrassenso de ter de falar de uma *metafísica* que não é o posterior *de* uma física filosófica, mas sim é “metafísica *da* física”, no sentido de uma disciplina na qual o posterior (portanto “meta”) é para *x* e ao mesmo tempo *x* (em que *x* = a física filosófica). Desse modo, a compreensão metafísica de Hegel não toma parte no costume absurdo da filosofia moderna de chamar de “*metafísica*” uma disciplina filosófica fundamental que basicamente antecede toda a física? A questão deve ser respondida negativamente. Pois como Hegel compreende sua lógica especulativa não apenas como filosofia primeira, mas sim também como a *última* ciência filosófica, inaugura-se pela primeira vez na história da filosofia moderna uma possibilidade de empregar a denominação “metafísica” novamente com sentido. A lógica especulativa é metafísica estritamente falando não como a filosofia primeira, a qual a ciência da ideia “pura” está no sentido da ideia *antes* da tematização da sua manifestação como natureza e como espírito. Ela é, antes, metafísica como última filosofia, para a qual – no fim da filosofia do espírito – o lógico não tem mais o papel de um mero predicado na relação do espírito como um pressuposto de todo o pensar, mas [tem o papel de] sujeito absoluto. Isso tem grande significado para a compreensão hegeliana de metafísica. De um lado, de fato, não se alcançou com isto apenas como um *posterior* da filosofia natural (portanto, a física filosófica) como resultado do pensar especulativo. O resultado é, de outro lado, também “metafísico” no sentido especial que *tudo* para o espírito é supressumido nos modos finitos de seu autoconhecimento da “natureza” pressuposta; não apenas a natureza de todas as coisas finitas sob leis e o reino das etapas que conceitualmente derivam da matéria organizada as quais tais leis pertencem; mas sim também a natureza do espírito finito – mesmo a natureza de um deus metafísico representado – do Deus da teologia natural. A metafísica hegeliana é, ao mesmo tempo, uma meta-metafísica em relação com a metafísica *ontoteológica*, aristotélica e pré-

crítica. A filosofia do espírito absoluto, de fato, compreende uma filosofia da consciência de Deus e enquanto tal uma filosofia de Deus como um objeto do pensar representativo. Ela ensina como aquilo que foi concebido como Deus no espaço da constituição da metafísica ontoteológica tem de ser pensado racionalmente. Disso resulta que o modo verdadeiro de pensar o conteúdo dessa teologia e de todo real, de toda a *physis*, é o mesmo [modo de pensar] da lógica especulativa com o conteúdo e as formas de movimento de suas determinações de pensamento puras. Assim tomado, como uma “teologia” especulativa, que evita para o mero pensar representativo o nome pertencente a “Deus”, a lógica hegeliana é de fato e no sentido mais forte uma metafísica. Pois o que é o posterior de um x posterior não cessa de ser um posterior para x. E se um próprio x subsequente ainda tem muito em comum com esse x, isto é, aqui com o físico, então o posterior é o x subsequente para o qual não se aplica mais, *par excellence*, o “pós” para o x, aqui portanto o *meta*-física. Pode-se então dizer com boa consciência que Hegel deu à expressão “metafísica” novamente um sentido coerente e aproximado à concepção de Aristóteles dessa disciplina filosófica. Isso vale também na medida em que enquanto a metafísica de Hegel novamente é – como já em Aristóteles – a filosofia primeira e *ao mesmo tempo*, portanto, não apenas uma disciplina específica – teologia filosófica. Ela admite a pretensão de conhecimento ontoteológicas da metafísica aristotélica; mas não a fim de a confirmar essa pretensão em uma lógica especulativa, mas sim a fim de a deixar para trás com *toda* ontologia, visto que a ontologia meramente se assenta sobre pressuposições da consciência e do representar que são suprasumidas no pensar especulativo. Nessa medida, o prefixo da expressão “metafísica” retém aqui também seu sentido desde há muito tempo familiar de um “para além do...” e ao mesmo tempo o radicaliza, posto que o prefixo relaciona o sentido sobre todo o puro pensar enquanto tal “ser preexistente” (8.114) ao invés de meramente [o relacionar] ao ente tangível ou físico.

Precisamente nisso, contudo, se mostra também que e como Hegel admite em seu conceito de metafísica a compreensão moderna de metafísica como ciência racional: não como o projeto de um conhecimento *teórico* de objetos. Pois na ideia de conhecimento teórico são os objetos do conhecer sempre preexistentes; e seu conhecimento é [um conhecimento] no qual nós não apenas nos certificamos da explicação (e justificadamente assentimos) sobre aquilo *que é o caso*; mas sim [é um conhecimento] no qual nós fazemos *desconsiderando* as determinações do querer com suas finalidades com relação à ideia de bem. Nesse sentido, contudo, não é um conhecimento teórico nem o conhecimento filosófico em uma lógica especulativa nem o conhecimento filosófico-especulativo da natureza e do espírito. Pois no conceito de ideia absoluta e no conceito de ideia absoluta enquanto um processo de manifestação não há que se desconsiderar a ideia do bem; pelo contrário, essa ideia se ligou em derivação com o conceito de ideia absoluta. O metafísico, de cuja filosofia da natureza e do espírito o seu conhecimento especulativo se “serve” (9.20), exclui, assim, a pretensão de conhecimento meramente *teórico* da filosofia da natureza e do espírito. Apenas como “material” trabalhado entram na filosofia da natureza e do espírito os resultados da pesquisa (nas ciências naturais e humanas). Mas esses resultados não são tais (pretensamente) conhecimento teórico de objetos *suprasensíveis*. A pretensão de tal conhecimento teórico-metafísico não é admitida pela filosofia da natureza e do espírito, mas sim quebrada. Resultado: no que diz respeito à filosofia da natureza e do espírito de

Hegel pode-se, sem se perder em divagações, de fato apenas dizer o que a metafísica não é para Hegel. Pois essas disciplinas são para Hegel tampouco metafísica como para Aristóteles eram metafísica a física e os escritos sobre a alma.

4. Tudo isso examinado, não se pode também deixar de corrigir a opinião que Hegel queria nos convencer que nós vivemos em um cosmos criado por Deus no qual tudo de eterno tem aqui seu lugar. Esse seria a quarta afirmação falsa a ser negada. Ela admite modos de representação de nosso legado religioso e de nossa tradição da teologia racional. Hegel, no entanto, quer corrigir esses modos de representação, ao mesmo tempo em que ele conceitua o racional neles. Não se pode confundir os modos de representação elaborados através do pensar especulativo com os resultados de tal elaboração. Na verdade, a tentativa de Hegel de conceituar especulativamente o conteúdo da cosmoteologia proveio precisamente da convicção de que ela em suas figuras legadas não mais estava à altura do pensar e da cultura de nossa razão. Contudo, a representação do mundo como *criação* apenas não faz parte da figura e vestuário que nesse caso têm de ser sacrificados diante da necessidade do conceito. Faz parte a representação de *um* mundo como um mundo que não apenas engloba todos os objetos de nosso conhecimento científico natural, mas também, do mesmo modo, [engloba] todos os objetos de nosso conhecimento racional e convicções da natureza do espírito humano, sobre normas, disposições e instituições sociais, enfim, até mesmo de seus destinos históricos e as mais altas finalidades. Pode-se ser uma possibilidade de comportamento *estético* para sustentar a experiência de nossa consciência desses objetos intuir neles o exemplar como pertencendo a um todo harmônico e ordenado que é “o” mundo – o mundo da experiência estética. Talvez *esse* mundo é até mesmo um cosmos. E pode também ser uma possibilidade de *fé* religiosa, de se representar em uma “visão moral do mundo”, no qual as finalidades racionais do homem finalmente coincidirão com estados futuros das coisas transformadas sob leis naturais. O pensar filosófico especulativo, contudo, não nos conduz a uma tal interpretação do mundo. O mundo é para tal pensar apenas uma “coleção de espiritualidades e naturalidades” (9.25). Como coleção, contudo, não há nada o que se conceitua através do pensar especulativo. O pensar especulativo logra, portanto, na melhor das hipóteses, reconhecer relativamente certos lados de nossa natureza espiritual e para a natureza do espírito a legitimidade de cada interpretação de mundo religiosa e estética. Aquelas interpretações de mundo, para uma filosofia especulativa, não são, porém, metafísica propriamente dita. Elas nem sequer são produtos do pensamento especulativo sobre um fundamento metafísico, mas são exteriores à metafísica. Pois o que quer que signifiquem exatamente o discurso obscuro de Hegel [a respeito] do lógico, ou do metafísico como a “modelador interno” da natureza e do espírito, ou dos nossos conceitos deles e que significado esse discursopode ter para uma vida nas ideias – ele não diz e significa, em todo caso, que nós podemos nos conhecer de modo acolhedor e protegido naquela coleção de espiritualidades e naturalidades, que é o mundo, tal como João Felizardo (*Hans im Glück*) ou como um kantiano no reino dos fins.

Por isso também faz completo sentido dizer que Hegel seria a esse respeito muito mais modesto que Kant nas expectativas postas com sua compreensão de metafísica. Não foi apenas pela renúncia à aceitação de que a metafísica não será capaz futuramente nem de um aumento nem de uma diminuição; ele também não viu mais a metafísica *propriamente dita* nas disciplinas que lidam com objetos da experiência transcendente e, nesse sentido, objetos suprassensíveis; ao contrário, [Hegel] definitivamente descartou o

projeto de tais disciplinas a partir de seu conceito de filosofia; contudo, não menos importante, Hegel era em questões de metafísica mais modesto na medida que ele não imputava à metafísica – mesmo à filosofia como um todo – a obrigação de, a fim de querer defender o conhecimento prático, [acabar por] justificar a “fê doutrinal” de que nós vivemos em um mundo no qual o agir ético também encontrará sua felicidade – e até mesmo em relação proporcional com grau de sua virtude.

III

Com o até agora introduzido eu tentei substituir as quatro afirmações falsas negadas relacionadas à compreensão da metafísica de Hegel por uma série de informações corretas. Em qual sentido, contudo, deve se considerar a lógica especulativa de Hegel como “a metafísica propriamente dita” (5.16)? Isso agora é fácil dizer. Nós falamos de algo propriamente dito – por exemplo, da paixão propriamente dita por alguém – ou de um x que é F propriamente, ou então, até mesmo [que] é o F propriamente dito, quando o que está em questão não tem meramente alguns traços de um x que é F ou mesmo apenas se comporta como um F – assim, por exemplo, como uma paixão –, sem o ser “em verdade”; se é, pelo contrário, um ou mesmo aquele em que F se encontra instanciado de modo *exemplar*, então se pode dizer que com ele F estaria “em seu próprio [elemento]” ou no sentido que faz falar de algo como de um F [que] se *realiza* nele; com mais direito do que dizer [que] u , v , w seriam F , poderia se dizer isso de x ; ou F alcançaria com x o que é característico a ele; ou mesmo: se considerarmos u , v , w tem-se então que dizer que F agora – se não com necessidade interior, ao menos prioritariamente – se exemplifica em x .

Assim é também no caso de um “ F ” que está para a “metafísica” e no caso daquele x que é a lógica especulativa de Hegel, enquanto que u , v , w são figuras as quais a metafísica originalmente adotara no racionalismo moderno, pré-crítico e em seguida na filosofia crítica de Kant. Hegel pode tornar válido com respeito a todas essas figuras da metafísica que elas tomaram o pensar do pensar, cujo conceito a metafísica tinha em vista desde sua origem aristotélica, como o pensar do pensar do “ser previamente existente” e justamente com isso não com toda firmeza como um pensar de si *mesmo* – e assim com todas as consequências que se associa à ambiguidade e obscuridade que um tal conceito hesitante de pensamento que se pensa. Além disso vale para a primeira e aristotélica dessas figuras nas quais a metafísica ainda não se revelou completamente que ela com sua questão central – ligando ontologia e teologia – segundo aquelas causas dos fenômenos físicos que são as causas primeiras e causas de todos os causados, ainda deixou muito pouco para trás as questões de uma *física* filosófica; que ela ainda não é no sentido completo *meta*-física. A metafísica moderna, pré-crítica e crítica, pelo contrário, com o lugar fundamental que ela dá à *metaphysica generalis*, não é mais propriamente metafísica em um sentido convincente. Ela está na verdade “*ante*-física” e tem que emitir para a metafísica “propriamente dita” um ponto de vista do entendimento [sobre os] objetos da razão “suprassensíveis” – um ponto de vista do entendimento que Kant pôde mostrar de modo convincente que não traz conhecimento de tais objetos. Mas também Kant permanece preso a essa concepção insatisfatória de metafísica propriamente dita e até mesmo a alarga sobre todo o conteúdo racional da filosofia

prática. Esse projeto de uma metafísica “propriamente dita” é rejeitado e é substituído através daquele [outro projeto] de uma filosofia da natureza e do espírito, que não mais pode ser entendido enquanto metafísica. Por isso permanece de Kant a “revolução no modo de pensamento”, contudo não apenas os argumentos contra a pretensão de conhecimento de toda metafísica pré-crítica, mas sim – sobretudo – a transformação da metafísica e de todo metafísico na lógica (5.45). Visto que a *metaphysica generalis* kantiana, que meramente é uma lógica “transcendental” (isto é, indo na direção de um ultrapassar do ponto de vista do entendimento dos objetos racionais, mas nesse ponto de vista permanecendo), a tarefa exigida dela de fundir não pode ser levada a cabo para toda filosofia, [assim] ela é substituída por uma lógica “especulativa”: um autoesclarecimento da ideia da razão, não mais meramente finita e subjetiva, que agora entra no lugar não apenas da filosofia transcendental kantiana e da ontologia pré-crítica, mas sim no lugar de toda antiga metafísica. Porém, como essa lógica não é mais apenas a filosofia primeira, mas sim se revela também como a *última* disciplina filosófica, por meio da estrutura metódica possibilitada de um todo da filosofia, pode-se dar a ela com pleno direito novamente o nome “metafísica”; e visto que nela o defeito das primeiras concepções e empregos do nome “metafísica” são evitados, pode-se com bom direito também afirmar que a metafísica alcance com aquela sua figura a [figura] que revela sua própria essência; a lógica especulativa seria, assim – como a ciência filosófica última –, a metafísica *propriamente dita*.

IV

Se a concepção de Hegel da lógica especulativa precedente foi apropriadamente descrita como metafísica propriamente dita e por meio da correção das opiniões equivocadas se fez discutida, então nosso juízo sobre a filosofia pós-hegeliana é afetado em vários aspectos. Quanto mais plausível se mostra o conceito hegeliano de metafísica, tão mais problemáticas tem de ficar, na filosofia pós Hegel, ao menos quatro tendências que perduram ativas até o presente.

a. Os assim chamados idealistas tardios, pela primeira vez, trouxeram ao reconhecimento os esforços de conceber mais ou menos com os conceitos hegelianos novamente a metafísica teísta. Desses esforços é característico que querem recolocar a metafísica em sua antiga constituição ontoteológica e para ela reivindicar o conhecimento de um pensar filosófico independente, no modo de ser do ente. Do lado do conceito metafísico de Hegel deve se dizer que se está contra eles, pois eles – à diferença desse – subestimam a força destrutiva da skepsis.

b. O programa neokantiano de uma filosofia transcendental – sem metafísica. Eles querem acessar o “templo da razão” sem seu “santuário” e fazer o melhor uso do esclarecimento sobre a lógica do conhecer das ciências particulares. Mas eles não reconhecem que eles concedem a prioridade do entendimento diante da razão e que esse entendimento com seus conceitos daquilo que nos pode ser dado é, ele próprio, o pior dos piores metafísico.

c. A ideia de uma metafísica como visão de mundo. Ela partiu de Schopenhauer, mas dominou também a filosofia da vida e a concepção de metafísica da filosofia da existência. Ela era para a metafísica de nosso século o fenômeno mais fatal. Pois essa

excrescência de ideias prometeu sobretudo à filosofia expectativas irrealizáveis e trouxe descrédito a ela. Essa excrescência tem suas raízes na doutrina de um “carecimento metafísico” do homem e de sua linhagem na tentativa de a partir de nossas aspirações (em geral: a partir da dinâmica da vida humana) angariar o poder de persuasão para as interpretações do mundo com a qual é satisfeito o carecimento metafísico. Por meio da compreensão metafísica de Hegel é cortada essa tentativa pela raiz.

d. O propósito de Heidegger de superar toda a metafísica até hoje através da descoberta da “questão do ser”. Ela apenas faz sentido se permite-se afirmar que Hegel pertenceria com sua compreensão de metafísica à história da constituição ontoteológica da metafísica. Contudo, precisamente essa afirmação é contestada. Tem que se perguntar do lado de Hegel se Heidegger não dá à distinção entre ser e ente por algo mais fundamental do que ela é. Eu não consigo me livrar da suspeita que o esforço de Heidegger de superar a metafísica está preso já desde o início da questão do ser em um estágio da história da metafísica de descrédito a Hegel: de Trendelenburg, Brentano e da neoescolástica do aristotelismo redivivo.

Porém, parece-me que uma compreensão corrigida do conceito hegeliano de metafísica não é apenas relevante para o julgamento da corrente antihegeliana na filosofia dos séculos 19 e 20, mas também para as mais novas tentativas de “ser herdeiro” de Hegel. Onde tais tentativas aproximam o conceito hegeliano de metafísica à filosofia pré-crítica, racionalista, como por exemplo aquela de Leibniz, ela corre o perigo de recair no “ponto de vista do entendimento” dos objetos da razão. Uma tal recaída não consiste apenas na opinião de se deixar conceituar o racional em conceitos do entendimento; mas também já na convicção que existiria um ser pré-existente no pensar filosófico, assim possivelmente existente independente dele, tanto mais que se pode ter um conceito que com cujo *ter* não é constituído, [mesmo] se há ou não nele algo instanciado. Com essa convicção se está à mercê do ceticismo em questões de conhecimento metafísico.

Tenho reservas também contra a predileção despertada por Joachim Ritter de uma alegada “dimensão” histórico-política da metafísica hegeliana. Eu temo que, no fim, ela nos entregue a um historicismo involuntário. É seguro que, de um modo trivial, o conceito *hegeliano* de lógica especulativa como metafísica propriamente dita é “relacionado” a um determinado momento – para Hegel presente, mas em compensação para nós historicamente passado; e vale o esforço de investigar o que da situação contemporânea da política e da sociedade, devido a essa relação mútua, manifestou-se na lógica hegeliana. Mas uma lógica especulativa entendida em termos hegelianos, por esse motivo, se torna uma teoria de *sua* época e não da nossa? É ela em geral apropriadamente entendida e herdada como teoria da época ou mesmo de um tempo determinado? Não temos nós que, antes, tomar seriamente que ela se apresenta – o que diz respeito a seu tema – precisamente não como conhecimento do tempo, mas sim como indiferente contra a distinção ‘temporal’/‘supratemporal’? Essa diferença faz apenas sentido sob a condições de um conceito clarificado de tempo. Disso e de sua clarificação, contudo, não é, conforme a compreensão hegeliana, assunto da lógica e metafísica, mas sim tarefa de uma filosofia da natureza e do espírito. Caso se tome essa tarefa de dentro daquela lógica, então se hipoteca a lógica também com condições particulares, especificamente temporais, de sua solução. Eu penso que pertence à sabedoria da lógica e compreensão hegeliana manter afastada essa hipoteca da metafísica.

REFERÊNCIAS

FULDA, H. F. *Hegel*. München: C.H. Beck, 2003.

GUYER, P. “Pensamento e Ser: a crítica de Hegel à filosofia teórica de Kant”, in: BEISER, F. *Hegel*. Tradução de Guilherme Rodrigues Neto, São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.

PÄTZOLD, D. “La raison et l'absolu”, in: KERVÉGAN, J-F & SANDKÜHLER, H. J. (org.). *Manuel de l'idealisme allemand*. Paris: CERF, 2015.